

Ex-presidente poderá definir esta eleição

PEREIRA DA SILVA
Da Sucursal

Rio — O ex-presidente Jânio Quadros entrou em cena para conturbar o quadro sucessório? O sociólogo Fernando Cotrim, pesquisador e analista político do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), diz que a presença de Jânio define o processo, forçando a mídia eletrônica a afastar-se do fenômeno "Brizola", uma mistura simbiótica do Brizola com Lula e também do candidato Fernando Collor de Mello (PRN), que vem sendo insistentemente usado por falta de outras opções.

Fernando Cotrim explica que, embora Collor de Mello seja considerado um candidato da direita, este segmento do eleitorado brasileiro, representado pelas forças conservadoras e do governo, ainda não considera Collor digno desse papel, que agora passa a ser desempenhado por Jânio Quadros. O ex-presidente — prevê Cotrim — vai ter uma cobertura incrível dos meios de comunicação de massa, mas ainda é cedo para dizer se ele chega ao segundo turno da eleição.

O constitucionalista Sérgio Ferraz, ex-presidente do Instituto dos Advogados Brasileiros (IAB), tem opinião diversa do sociólogo Fernando Cotrim e acredita que a entrada em cena do ex-presidente, no momento, até conturba o processo sucessório, pois ele ingressa numa faixa de centro-direita e de centro, onde tramitam outras candidaturas da mesma natureza, que não empolgam o eleitorado.

A presença de Jânio — assegura Sérgio Ferraz — vai causar um forte impacto, atingindo as candidaturas postas, principalmente a de Fernando Collor de Mello.

Ferraz chama a atenção para o fato de que a candidatura de Jânio vai criar dificuldades para o ex-governador de Alagoas, para o ex-ministro Aureliano Chaves e também para Paulo Maluf, que considera "convivas de uma mesma mesa". Observa, no entanto, que Jânio tem características pessoais que podem contribuir para avanços em faixas diferentes daquelas definidas como de centro-direita e centro.

O empresário Hélio Paulo Ferraz, o "Super-Helinho", candidato a senador pelo PL em 1986, quando abocanhou mais de um milhão de votos, a maioria na faixa jovem do eleitorado, acredita que Jânio Quadros vai nocautear Fernando Collor de Mello no ringue da sucessão, mas também crê que Collor, Brizola e Jânio "três pules para o segundo turno. A

briga vai ser feia" — prevê Hélio, que, embora voltado para suas atividades empresariais, não se descuidou da política. Helinho, como ficou conhecido, pensa numa luta da "vassoura contra o turbante do marajá e destes contra a rosa vermelha do Ciep e vice-versa".

O ex-senador e atual vereador do Pasart do Rio, Aarão Steimbruch, acredita que Jânio Quadros e Fernando Collor de Mello brigam entre si, um tirando voto do outro. Aarão não vê, no entanto, o quadro sucessório muito claro, porque "ninguém abriu o jogo" ainda e é preciso abri-lo. Senador da república de 1962 a 1970, quando foi cassado e, nessa condição de político, eleito um ano depois da renúncia de Jânio, no mesmo ano em que o ex-presidente perdeu a eleição para Ademar de Barros em São Paulo, Aarão Steimbruch é cauteloso quanto ao futuro de Jânio.

O sociólogo Fernando Cotrim é de opinião que o espectro eleitoral está montado, com Jânio Quadros, Fernando Collor de Mello, Ulysses Guimarães, Leonel Brizola e Luiz Inácio "Lula" da Silva. O resto — Paulo Maluf (PDS), Guilherme Afif Domingos (PL), Roberto Freire (PCB), Ronaldo Caiado (PDC), Mário Covas (PSDB) e um desses três: Aureliano Chaves, Marco Maciel ou Sandra Caval-

canti (PFL) — é figuração, pagam para se manter em evidência visando outras eleições, a do próximo ano, por exemplo.

Avaliando a situação de cada um dos candidatos em condições de ganhar a eleição presidencial, Fernando Cotrim diz que Jânio entra na faixa de tados, mais acentuadamente na de Collor, Ulysses, Brizola e Lula. Brizola — assegura — tem um eleitorado pouco ideológico, e muito instável, em torno de 50 por cento. A definição de colégio eleitoral vai depender da arte cênica da campanha, que tem dois mestres incontestáveis: o próprio Brizola e Jânio Quadros. Cotrim acredita que o Brasil ainda está nos "prolegômenos" da campanha, daí a indefinição do eleitorado.

O constitucionalista Sérgio Ferraz, que se dividiu entre Rio de Janeiro e Brasília, acompanhando os trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte e o desempenho de cada uma das bancadas partidárias, vê Brizola e Lula competindo no mesmo campo, sendo que o deputado federal Luiz Inácio "Lula" da Silva está sendo prejudicado pelo gravismo. Persistindo essa tendência — acredita Ferraz — Lula não passa do primeiro turno e abre passagem para Brizola disputar com um candidato cujo figurino será preparado pelo alfaiate da direita.